

Pós-modernos no ciberespaço - seriam os novos apocalípticos desintegrados?

Carla Rodrigues

Introdução

O prefixo *des* tem servido para compor definições tanto de pós-moderno como do novo ambiente tecnológico. Para o pós-moderno, o *des* está presente em formulações como *desreferencialização* do real, *dessubjetivação* do sujeito, *desmaterialização* da arte, *deserção* do político e do ideológico (Santos, 1986: 16, 50, 91). Para o ambiente tecnológico, o *des* pode ser encontrado em conceitos como *descentralização* (Levy, 1999: 36 e Castells, 1999: 26), *destemporalização* e *desterritorialização*. O que este artigo desenvolve é a idéia de que existem semelhanças e diferenças entre o pós-moderno e o ciberespaço – aqui tratado como este novo ambiente de interação proporcionado pela tecnologia de informação.

“A pós-modernidade é um mundo super-criado pelos signos”, afirma Santos (1986: 15). Mas será que o ciberespaço também não poderia ser definido como um “mundo super-criado pelos signos”? E que signos são esses? Existem semelhanças e diferenças entre o ciberespaço e a pós-modernidade, e tanto um como o outro se aproveitam destas características ora iguais, ora diversas, para se disseminar e se desenvolver, sem que haja, no entanto, relação de causa e efeito entre eles. Por isso, o que se levanta como questão é que, mesmo escapando do dilema do determinismo tecnológico (Castells, 1999: 25), existem pontos de interesse comum entre o ciberespaço e o pós-moderno. A desestruturação talvez seja uma necessidade para a inserção do sujeito em redes e a fragmentação talvez seja apenas consequência da multiplicidade de presenças nestas redes.

Os apocalípticos de Umberto Eco eram “integrados”. Seriam os novos apocalípticos “desintegrados”?

Passados sete anos do lançamento da Internet comercial no Brasil, pode-se dizer que este *ciberespaço brasileiro* ainda está em construção, capturando cada vez mais freqüentadores. Pesquisa realizada pelo Datafolha (Maria, 2001: 4) mostra que existiam 23 milhões de brasileiros plugados na Internet em 2001, contra apenas 7 milhões em 1999. Se considerarmos que as novas tecnologias são a demarcação da sociedade da informação, como se verá em Masuda (1981) e Bell (apud Santos, 1986), então se poderá afirmar que já está em curso, também no Brasil, a transição entre sociedade industrial e sociedade pós-industrial, primeira etapa da Revolução da Informação.

A sociedade pós-industrial

A tecnologia de informação tem sido considerada uma das bases e o grande motor da revolução pós-industrial. Não por acaso, as expressões “sociedade pós-industrial” e “sociedade de informação” podem ser encontradas como sinônimos em diversos textos e autores. Yoneji Masuda (1981), em *A sociedade da informação como sociedade pós-industrial* utiliza essa correlação para definir sociedade de informação: “A futura sociedade de informação terá que ser construída dentro de um contexto inteiramente novo, a partir de uma análise completa de tecnologia de telecomunicações e informática, pois essa é a que determinará sua natureza fundamental” (Masuda, 1981: 45).

Neste livro, Masuda fazia uma previsão para o futuro, e já apresentava quadro sugestivo das principais características e atributos que vigorariam nessa sociedade, como indicado a seguir.

Núcleo	Computador (memória, computação, controle)
Função básica	Substituição, amplificação do trabalho mental
Poder produtivo	Informacional (otimização da capacidade de ação e seleção)
Produtos	Informação, tecnologia, conhecimento
Centro de produção	Unidade produtora de informação (banco de dados, redes de informação)
Mercado	Aumento das fronteiras do conhecimento, espaço informacional
Indústrias principais	Intelectuais (informação, conhecimento)

Daniel Bell (apud. Santos 1986: 24) também identificou correspondências bastante similares entre sociedade pós-industrial e sociedade de informação, como se pode observar:

Setores	Terciário: serviços, saúde, consumo, educação, pesquisa, comunicação
Ocupação	Técnicos e cientistas
Tecnologia	Informação
Metodologia	Teoria, modelos, sistemas, simulação computadores
Princípio	Centralização, codificação do conhecimento

Estas perspectivas analíticas sublinham dois aspectos que merecem destaque: primeiramente, sociedade de informação é tomada como sinônimo de sociedade pós-industrial. Depois, assinala-se que todos os sujeitos e todos os relacionamentos entre estes sujeitos serão afetados. Alteram-se as relações econômicas, sociais, políticas e pessoais. Atualmente, decorridos mais de quinze anos da publicação desses trabalhos, quando se observam as transformações provocadas pela Internet, é possível encontrar exemplos que confirmam as profundas mudanças ocorridas em diversos aspectos da vida social, como sumariamente aponta-se a seguir:

Trabalho a distância: Castells, Negroponte e De Masi falam de uma nova forma de trabalho, o teletrabalho, que se utiliza da Internet como meio de comunicação entre equipes inteiras que não convergem para um mesmo lugar, trabalhando *conectadas* onde quer que estejam. Gente que trocou o trabalho no escritório pelo expediente doméstico, gente que não tem lugar fixo para trabalhar (na sede da IBM, em São Paulo, existe um andar inteiro dedicado apenas a trabalhadores que, “em trânsito”, plugam seus *notebooks* e seus telefones numa mesa e ali cumprem suas tarefas como em qualquer outro lugar do mundo), profissionais que se reúnem e, via computador, tomam decisões. São mudanças que ainda estão em curso, mas que já modificaram o mercado de trabalho.

Jornalismo em tempo real: Multiplicam-se os *sites* de notícia e a sua utilidade, em que pesem as críticas sobre a excessiva fragmentação das informações disponíveis. Na manhã de 11 de setembro de 2001, quando ocorreu o ataque às torres do World Trade Center, milhões de pessoas foram informadas, ao longo do dia, pelos *sites* de notícia do mundo inteiro. No ambiente de trabalho, os aparelhos de TV eram minoria absoluta em relação ao número de computadores. No Brasil, verificou-se um vertiginoso crescimento de acesso aos *sites* de notícias. Na revista eletrônica no. (www.no.com.br), o número de leitores cres-

ceu 145% entre 11 e 16 de setembro (comparado aos leitores de terça à domingo da semana anterior). Não resta dúvida de que o mesmo fenômeno de aumento de audiência registrou-se, também, nos jornais impressos. Mas em menores proporções. Como exemplo, tome-se o jornal diário *O Globo*: o total do aumento de venda em banca no período de 11 a 16 de setembro foi de 53% (comparado aos números de terça à domingo da semana anterior). A velocidade de informação via Internet superou o interesse pela leitura de um noticiário que já vem *arrumado*, ou seja, editado em seqüência e organizado segundo prioridades de leitura.

Relacionamentos pessoais e debate de opinião: São inúmeras as histórias de amizades virtuais, correspondências que aproximam pessoas, parentes que se reencontram, teleconferências que alteram a rotina de viagens de executivos. Mas o exemplo que se prefere destacar aqui é o do articulista do Jornal do Brasil, Moacir Werneck de Castro. Confessadamente, ele começou a usar o *e-mail* quase forçado pela própria mulher. Reticente em relação à tecnologia, acabou percebendo vantagens no seu uso. Vejamos o seu espanto com a nova relação (aparentemente virtual) que estabeleceu com seus leitores:

Nas últimas semanas, foi o e-mail que me levou principalmente a persistir nos comentários contra a absurda, covarde e criminosa guerra da Otan contra a Iugoslávia (...). Além do estímulo ao jornalista, essa contribuição dos leitores revelou uma consciência alerta diante de um grave problema internacional. (Castro, Jornal do Brasil, 24/07/1999: 11)

É claro que as conseqüências podem ser mais amplas e imprevisíveis. Werneck de Castro destacou, no mesmo texto, o caráter descontínuo desse tipo de relacionamento, representado pela impossibilidade de responder a todos os que lhe escreveram. Outras questões relativas ao acesso a esse tipo de tecnologia podem ser levantadas. Afinal, existe também o leitor excluído desta nova forma de relacionamento. Villaça (2001: 47) ao analisar um artigo de Artur Xexéo – *Nem só de e-mails vive o colunista*, no qual o jornalista relatava seu espanto perante um leitor que havia escrito uma carta à moda antiga, com envelope, selo e correio convencional – observa que a popularização do *e-mail* levou o leitor de Xexéo a pedir desculpas por não estar enviando um *e-mail*, como se a carta o distinguisse deste novo mundo digital do qual não podia fazer parte. Claro, para enviar *e-mails* seria preciso ter um computador, um telefone, um provedor para acesso à Internet. E, como bem lembra Villaça, “há uma multidão de leitores sem estas características”. No entanto, excludentes para muitos, includentes para outros, as mudanças se deram – ou se impuseram.

Expressão pessoal: os *sites* pessoais foram uma das primeiras alavancas da *web*. Fácil e rapidamente popularizada entre estudantes universitários, a linguagem HTML fez explodir páginas pessoais nos quais os autores relatavam seus hábitos e apontavam *links* para outros endereços que já conheciam e consideravam bons. Foi assim que nasceu, por exemplo, o Yahoo (www.yahoo.com), um dos maiores catálogos de busca da Internet. Dois jovens americanos profissionalizaram o que começou como um *hobbie*: classificar bons *links* na *web*. Era o sentido inicial da rede: a formação de comunidades que se apoiavam mutuamente naquele novo universo. Com a explosão da Internet comercial e a criação de *sites* profissionais, as páginas pessoais foram perdendo espaço. A nova onda na *web* são os *blogs* – diários *on line* em que o autor conta as *aventuras* do seu dia a dia. Em *Confidências no teclado* (Vianna: 8), reportagem mostra 13 adolescentes que criaram o *site* *Delícias cremosas*, onde narram suas conquistas amorosas e sexuais. A revista sugere que os *blogs* são sinal de mudança nos conceitos de público e privado. Se tudo mudou, estas fronteiras também se alteraram.

Participação e cidadania: no Brasil, a história da Internet está diretamente ligada a uma ONG, o Ibase, que em 1992 criou o Alternex, então o primeiro provedor de acesso à Internet fora da rede acadêmica. Em 1995, o Alternex se transformaria no primeiro provedor de acesso à Internet no Brasil. Hoje, são muitas as iniciativas de utilização da *web* como espaço de mobilização e participação social. Como exemplo recente, vale registrar o lançamento do portal www.vivafavela.com.br, que produz informação e serviços para um público que terá acesso ao *site* através de uma rede de acesso à Internet que está sendo criada nas favelas cariocas (são as Estações Futuro, já inauguradas na Rocinha e na Maré). Também é relevante o lançamento do *site* www.bastadeterror.com.br, que em duas semanas depois do atentado ao World Trade Center começou a recolher assinaturas contra a guerra dos EUA contra o Afeganistão.

Inúmeros outros grupos e exemplos ainda poderiam ser mencionados: no consumo, a tecnologia de informação alcançou a oferta mundial de produtos. É o mercado global, onde o número do cartão de crédito vale mais do que o número da identidade. O “clique aqui” e o “compre já” nasceram um para o outro. Cursos de educação a distância, ainda que seja preciso considerar todas as questões metodológicas em debate, se multiplicam. Bancos *on line*, recordes anuais no envio de declarações de renda pela Internet, concessionárias de serviço público que oferecem serviços *on line*, previsão do tempo para qualquer cidade do mundo, câmeras de informações sobre trânsito, acesso a banco de dados de universidades e de institutos de pesquisa, bibliotecas virtuais, fóruns de discussão,

troca de informações entre grupos de especialistas, salas de *chat* de sexo virtual que se proliferam, verdadeiros campeões de audiência nos grandes portais.

Em muitos dos exemplos mencionados, o sujeito da pós-modernidade – ator principal da sociedade de informação – pode ser simultaneamente emissor e receptor de múltiplas mensagens neste ciberespaço. Virilio vê as transformações com ceticismo, Negroponte e Levy são otimistas em relação ao manancial de mudanças possibilitadas pela Internet. O que se considera neste texto é que estes sujeitos podem apenas estar em todos estes lugares, podem ser *nó* de muitas redes diferentes, sem que nenhuma delas seja excludente, sem que nenhuma delas seja sequer majoritária. A Internet é constituída por uma arquitetura em rede, descentralizada, onde cada nó da rede é inteligente, autônomo e tem inúmeras possibilidades de conexão (Levy, 1999: 36 e Castells, 1999: 26).

Desintegrados do ciberespaço

Até que ponto a tecnologia da Internet propicia este tipo de interação, relacionamento e comportamento característico da pós-modernidade e até que ponto a Internet só foi alcançável por sujeitos da pós-modernidade? A Internet é uma plataforma que permite a expressão de valores, comportamentos e culturas que estão, existem e se expressam na sociedade pós-moderna, independentemente de encontrarem no ciberespaço ambiente adequado para se manifestarem. Não se trata de (re)estabelecer o dilema do determinismo tecnológico, que Castells (1999: 25) tão bem encerra como questão, quando diz: “É claro que a tecnologia não determina a sociedade. (...) Na verdade, o dilema do determinismo tecnológico é, provavelmente, um problema infundado, dado que a tecnologia é a sociedade, e a sociedade não pode ser entendida ou representada sem suas ferramentas tecnológicas.”

Trata-se, sim, de refletir sobre conexões, sobre as semelhanças e sobre as diferenças entre a pós-modernidade e o ciberespaço e perguntar: até que ponto a sociedade pós-moderna tem sido determinada pelo ciberespaço e até que ponto esta sociedade pós-moderna tem condicionado o ciberespaço à sua imagem e semelhança?

O ciberespaço nasceu como ambiente de “alternativos ou revolucionários”, invadiu o cotidiano de sujeitos forjados nos valores (ou na falta deles) da pós-modernidade. O que este artigo pretende é, justamente, refletir sobre a conexão entre este espaço e estes sujeitos. Para tanto, é absolutamente fundamental considerar a possibilidade de que os pós-modernos estejam principalmente refletidos numa das mais marcantes características da rede mundial de computadores – o sujeito pode estar refletido justamente na sua condição de *nó de rede*. Para melhor entender o significado desta lógica de rede, vale recorrer de

novo a Castells (1999: 78): “E essa lógica de redes, contudo, é necessária para estruturar o não-estruturado, porém preservando a flexibilidade, pois o não-estruturado é a força motriz da motivação humana. (...) o paradigma da tecnologia de informação é baseado na flexibilidade.”

Seria a desestruturação uma necessidade? Seria a desreferencialização apenas uma característica necessária à formação de diversas redes? E a dessubjetivação seria um mecanismo facilitador de inserção ou exclusão destas redes? A fragmentação pode ser apenas conseqüência da multiplicidade de presenças nestes pontos de rede? Como os apocalípticos de Umberto Eco eram “integrados”, os novos apocalípticos são “desintegrados”?

Desintegrados em diferentes identidades, sujeitos contemporâneos podem fazer do ciberespaço, ao mesmo tempo, a “maravilhosa conexão planetária” de Levy (2001) e a “bomba informática” de Virilio (1999). Será que a afirmação de Santos (1986: 15) de que a “pós-modernidade é um mundo super-recriado pelos signos” se aplica também ao ciberespaço?

A literatura sobre a pós-modernidade fala em “des-substancialização do sujeito” (Santos, 1986: 18), em “ansiedade, insegurança, medo e fragilidade dos laços entre indivíduos” (Fridman, 2000: 63), em “seres humanos informados, autônomos, criativos e que se sentem à vontade na instabilidade” (Fridman, 2000: 16), em “destemporalização do espaço social” (Bauman, 1998: 110).

É justamente em Bauman que vamos buscar definições deste sujeito pós-moderno, que ele tão bem batiza de *turistas* e *vagabundos* (Bauman, 1998: 114, 115). Os *turistas* ele define como aqueles que ligam e desligam o mundo, sem deixar nele qualquer marca duradoura. Para os turistas, as chaves do mundo funcionam, segundo Bauman, com tanta facilidade que tornam o mundo “flexível, dócil, esborrável”. Nesta formulação de turistas, encontra-se uma analogia com computadores que merece destaque: “É improvável manter-se qualquer configuração por muito tempo” (Bauman, 1998: 115).

Já para explicar os *vagabundos*, Bauman (1998: 118) os contrapõem aos *turistas*, e os define como seres que “se movem porque acham o mundo insuportavelmente inóspito”. A interseção entre os *turistas* e os *vagabundos* de Bauman está justamente neste ponto do movimento permanente. E por onde se movimentam estes *turistas* e *vagabundos*?

É possível encontrá-los – ainda que não exclusivamente – no ciberespaço, onde esta fluidez é a principal característica. Afinal, a Internet tem sido a “grande rede mundial de computadores” da sociedade pós-industrial e o ciberespaço tem sido um ambiente relevante de manifestação e presença dos sujeitos pós-modernos. Algumas definições:

De sujeito pós-moderno:

O eixo da estratégia de vida pós-moderna não é fazer a identidade deter-se – mas evitar que se fixe. (Bauman, 1998: 114)

O sujeito pós-moderno pode ser ao mesmo tempo programador, andrógino, zen-budista, vegetariano, integracionista, antinuclearista. (Santos, 1986, p. 29)

De sociedade pós-industrial:

Ao mesmo tempo gigantesco e diferenciado [o sistema pós-industrial], ele não forma um todo e não possui centro. Tendo pulverizado a massa numa nebulosa massa de consumidores, com interesses diferentes, ele absorve qualquer costume, qualquer idéia, revolucionários ou alternativos. Pois é flexível o suficiente para nele conviverem os comportamentos e as idéias mais disparatadas. (Santos, 1986: 29)

De pós-moderno:

O pós-modernismo é um ecletismo (...). Ele não tem unidade, é aberto, plural e muda de aspecto se passamos da tecnociência para as artes plásticas, da sociedade para a filosofia. (Santos, 1986: 18)

A partir destes conceitos, apresenta-se aqui uma definição para Internet que toma emprestado diferentes qualidades do sujeito pós-moderno, da pós-modernidade e da sociedade industrial, tais como “aberto”, “plural”, “livre”, “flexível”, “gigante”, “forma um todo e não possui um centro”, “sem unidade”, “ecclético”. Tem-se assim a seguinte formulação:

De Internet:

Rede mundial de computadores, anárquica, sem controle, onde cada nó da rede existe independente e autônomo dos outros, espaço livre de informação (absorve qualquer costume, qualquer idéia, qualquer pessoa pode ser uma página publicada para se expressar). A Internet forma um todo e não possui centro. É eclética, gigante, flexível, sem unidade, aberta, plural, livre.

Neste ponto, ainda vale recorrer a duas formulações sobre o sujeito pós-moderno feitas por Santos (1986: 13 e 5), quando a rede mundial de computado-

res ainda era de uso restrito e a *web* não existia (o ambiente WWW foi criado em 1990):

O ambiente pós-moderno significa basicamente isso: entre nós e o mundo estão os meios tecnológicos de comunicação, ou seja, a simulação. (...) As sociedades pós-industriais vivem saturadas pela informação. (...) O sujeito se converte assim num terminal de informação. Mas um terminal isolado de outros terminais, pois as mensagens não se destinam a um público reunido, mas a um público disperso (cada um em sua casa, seu carro, seu micro). Eis por que a massa pós-moderna é atomizada (ultrafragmentada).

Santos fala em mediação por meios tecnológicos e em terminais isolados, mas a conectividade ainda não estava presente na sociedade. No Brasil, foi só a partir de 1995 que a Internet se tornou um destes “meios tecnológicos” e fez com que estes “terminais isolados” se conectassem entre si, criando um ambiente em que este público disperso passou a se encontrar, em laços tênues e “em identidades que podem ser adotadas e descartadas como uma troca de roupa” (Bauman, 1998: 117).

O conceito de ciberespaço

Lançada comercialmente em 1995, quando surgiram os primeiros provedores comerciais, a Internet brasileira experimentou uma explosão de *sites* a partir de 1999, quando o interesse de investidores de capital de risco injetaram dinheiro na criação de grandes portais – portas de entrada na *web* para usuários leigos, recém-chegados. Nasceram o IG (janeiro de 2000) e a Globo.com (março de 2000), por exemplo. Foi a partir desse ano, também, que grandes grupos internacionais, como a AOL, aportaram no Brasil. Manchete da Gazeta Mercantil em 1999 anunciava: “País no mapa da bilionária disputa pela Internet”. Na reportagem (Rosa e França, 1999: 1, C-1), um relatório da consultoria internacional Lehman Brothers apostava que o Brasil teria 6 milhões de usuários de Internet em 2000. Pesquisa do Datafolha de setembro de 2001 (Maria, 2001: 4) indica que o país tem hoje 23 milhões de pessoas conectadas à Internet.

Neste ponto, é preciso formular as diferenças entre Internet e ciberespaço, já que, até aqui, trabalhou-se apenas com a conceituação técnica de Internet. Para ciberespaço, aqui se valerá da conceituação de Levy (1999: 17):

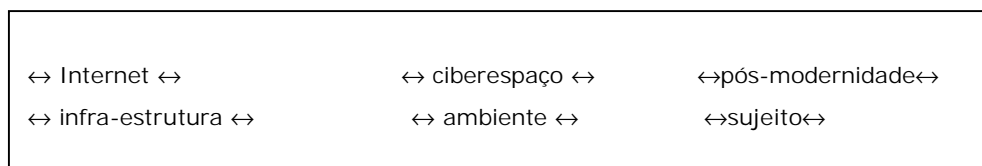
O ciberespaço é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial de computadores. O termo especifica não apenas a infra-estrutu-

ra material de comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ele abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam este serviço.

Por esta afirmação de Levy de que o ciberespaço é “o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial de computadores”, seria possível identificar a Internet como este novo meio e estabelecer que “Internet” e “ciberespaço” são sinônimos. Mas, como se pode ver, também para Levy (1999: 32), existe uma fundamental diferença a ser considerada: “As tecnologias digitais surgiram, então, como a infra-estrutura do ciberespaço, novo espaço de comunicação, de sociabilidade, de organização e de transação, mas também novo mercado de informação e do conhecimento.”

A Internet pode ser vista como parte dessas *tecnologias digitais*, como a infra-estrutura de comunicação que *sustenta* o ciberespaço, sobre as quais montam-se diversos ambientes, como a *web*, os fóruns, os *chats*, o correio eletrônico, para ficar apenas com os mais comuns e disseminados.

Propõe-se assim o seguinte diagrama:



Com isso, apresenta-se o ciberespaço como ambiente de interação, manifestação e relacionamento, suportado pela Internet como tecnologia de informação, de tal forma a evitar a utilização do termo Internet como sinônimo de ciberespaço. No entanto, o que se quis demonstrar é que as características do ciberespaço estão diretamente relacionadas às características da tecnologia que o produz. São estas marcas da tecnologia no ciberespaço que se encontram também na pós-modernidade, completando o ciclo de influências mútuas que este artigo pretende apontar.

Conclusão

As marcas do pós-moderno impregnam o ciberespaço não como oposição ao moderno, não como nova ordem, mas como as características que tornam o

ciberespaço possível. Ainda assim, deve-se considerar que esta facilidade de disseminação da pós-modernidade no ciberespaço pode não significar a ampla aceitação dos valores da pós-modernidade pelos sujeitos que estão no ciberespaço. Por isso, o que se supõe é que hajam semelhanças e diferenças entre o ciberespaço e a pós-modernidade, e que tanto um como o outro se aproveitem destas características ora iguais, ora diferentes, para se desenvolver, mas sem que haja nem relação de causa e efeito nem correspondência direta entre eles.

Afinal, na pós-modernidade, o que demarcaria a inserção social dos sujeitos seria a desintegração, a desreferencialização, a dessubjetivação. Estas seriam as marcas da fragmentação do pós-moderno. Já na lógica de rede que se estabelece no ciberespaço, as relações e comunicações são apresentadas por autores já citados aqui como *naturalmente* desintegradas. Seria essa fragmentação a característica que permitiria a presença de um mesmo sujeito em diversos universos e a sua inserção em diferentes redes e ambientes.

Carla Rodrigues

Jornalista, articulista da revista www.nominimo.com.br e
consultora para Internet
email: carla@nominimo.ibest.com.br

Referências bibliográficas

- BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede – a era da informação: economia, sociedade e cultura; v. 1*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- FRIDMAN, Luis Carlos. *Vértigens pós-modernas*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.
- LEVY, Pierre. *A conexão planetária: o mercado, o ciberespaço, a consciência*. São Paulo: 34, 2001.
- _____. *Cibercultura*. São Paulo: 34, 1999.
- MARIA, Estanislau. Folha Ibrands fotografa mundo virtual. In: *Folha de S. Paulo*, Revista da Folha, 27 de setembro de 2001, p. 4.
- MASUDA, Yoneji. *A sociedade de informação como sociedade pós-industrial*. Rio de Janeiro: Rio, 1981.
- NEGROPONTE, Nicholas. *Vida digital*. São Paulo: Cia das Letras, 1995.
- ROSA, João Luiz & FRANÇA, Anna Lúcia. País no mapa da bilionária disputa pela Internet. In: *Gazeta Mercantil*, 01 de setembro de 1999, p. 1 e C-1.
- SANTOS, Jair Ferreira. *O que é pós-moderno?* São Paulo: Brasiliense, 1986.
- VILLAÇA, Nízia. Obrigada pelos morangos no selo; do correio ao e-mail. In: *Nas fronteiras do contemporâneo*. GOÊS, Fred & VILLAÇA, Nízia (orgs.) Rio de Janeiro: Mauad/ FUJB: 2001.
- VIRILIO, Paul. *A bomba informática*. São Paulo: Estação Liberdade, 1999.
- VIANNA, Luciano. Confidências ao teclado. In: *Jornal do Brasil*, Revista de Domingo, 16 de setembro de 2001. p. 8, 9, 10.
- WERNECK DE CASTRO, Moacir. Carta de leitores. In: *Jornal do Brasil*, Opinião, 15 de junho de 1999, p. 9.

Resumo

Quais são as semelhanças e quais são as diferenças entre a pós-modernidade e o ciberespaço? Com esta pergunta como pano de fundo que este artigo identifica correlações entre o pós-moderno e o ciberespaço, suas identificações, coincidências e discrepâncias. A questão que se coloca é se há relação de causa e efeito entre o ciberespaço e o pós-moderno.

Palavras-chave

Pós-moderno, pós-industrial, ciberespaço, Internet.

Abstract

Which are the similarities and which are the differences between postmodern and cyberspace? With this question as cloth of deep that this article identifies to correlations between the postmodern and cyberspace, its identifications, coincidences and discrepancies. The question that if places is if it has relation of cause and effect between cyberspace and the postmodern.

Key-words

Postmodern, cyberspace, Internet.